

UMA VIDA NO MAGISTÉRIO: HISTÓRIAS DE VIDA DA PROFESSORA MARIA ELENITA DE VARCONCELOS (1945-1985)

Maria Aline Souza Guedes

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

malinesguedes@gmail.com

Paula Sonaly Nascimento Lima (co-autor)

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

paula.sonaly@hotmail.com

Wendna Mayse Amorim Chaves

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

mayseamorim@hotmail.com

O presente artigo é fruto de um estudo baseado nas histórias de vida da professora Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho (1945-1985) concentrando na relação entre subjetividade e identidade. Levaremos em conta diferentes aspectos de sua trajetória, desde a formação profissional até aspectos de sua vida pessoal, esses que serão pertinentes para analisar a história local. Serão problematizadas fotos, documentos e carta pessoal a partir de uma discussão em torno de gênero com Gracira Lopes, identidade com Tadeu Thomás Silva, Michel Foucault em “A escrita de si”, e as discussões da relação entre autobiografia e educação com Elizeu Clementino de Souza.

Palavras-chave: Autobiografia- Gênero- Educação

INTRODUÇÃO

Esse artigo será realizado a partir de um estudo autobiográfico, nas quais analisa as fontes iconográficas, que são elas: programas de ensino, escrita epistolar, histórias de vida, entre outros, considerados substanciais para estudar a história da educação. Conforme Souza (2007,p.32)¹ “Essas traduzem sentimentos, representações e significados individuais das memórias, histórias e relações sociais com a escola”.

Os projetos autobiográficos relacionados à formação de professores com base nas histórias de vida são práticas recentes, segundo esse mesmo autor, cabe destacar o 1º seminário Memória, Docência e Gênero na qual, da união entre pesquisadores, desenvolveram possibilidades de aglutinação e mapeamentos de pesquisas relacionadas ao campo de formação docente no que tange as histórias de vida. As primeiras edições do congresso ocorreram em Porto Alegre (I CIPA, 2004) e em Salvador (II CIPA, 2006), esses que constituíram momentos significativos para o campo autobiográfico².

¹ Mais informações (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação de Elizeu Clementino de Souza. Disponível em <http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf> Disponível em 08.04.2015.

Nesses diálogos, relacionavam-se a pesquisa com o reconhecimento das fontes Oraís³, isso ocorreu por volta da década de 40 do século XX, quando se permitiu considerar de suma importância as memórias individuais e coletivas no diálogo com o passado. As mulheres, professoras se destacaram como novas agentes ativas nesse processo, que até então as consideravam “excluídas” devido a um “silêncio” que permanecia na academia, isso ocorreu não só com as mulheres, mas também com outros agentes históricos até os finais do século XIX⁴.

A memória, nesse sentido ganha importância, considerando-a como não fixa apenas no campo subjetivo, ainda que seja ela auto singular. Podemos entendê-la como fruto de um contexto histórico e cultural. “A memória é uma experiência histórica indissociável das experiências peculiares de cada indivíduo e de cada cultura” (SOUZA, 2007, p.63). A lembrança, nesse sentido, permite ao sujeito observar sua genealogia na recuperação do eu com a memória narrativa, ela marca um olhar em sintonia com diferentes tempos e espaços, na articulação das lembranças e possibilidades de narrar experiências. Por isso, considera-se a rememoração como uma reflexão e auto-reflexão, entretanto, o esquecimento também é considerado parte importante, pois ela permite a rememoração a partir de referenciais e sensibilidades.

A abordagem biográfico-narrativa permite analisar a complexidade entre o sujeito e sua cultura, entendendo como indivíduo que ao longo do seu percurso pessoal, consciente da sua particularidade, constrói sua identidade pessoal mobilizando outros agentes presentes no coletivo. “Neste sentido, a abordagem biográfica-narrativa pode auxiliar na compreensão do singular/universal das histórias memórias institucionais e formadoras dos sujeitos em seus contextos, pois revelam práticas individuais que estão inscritas na densidade da história” (SOUZA, 2007, p.66). Temos pois, que analisar os valores ideológicos presentes nas histórias de vida do docente analisando como esses vínculos tem afetado de certa forma no campo educacional.

O estudo das histórias de vida no campo educacional concentra-se na figura do professor em relação a sua subjetividade e identidade. Com a centralização dos estudos e práticas de formação do profissional da educação, levaremos em conta os diferentes

² Ídem

³ A história Oral permite por meio do diálogo entre entrevistando e entrevistador a formulação de fontes sobre determinado período e/ou momento histórico.

⁴ Esses eventos permitiu-se a realização de um campo que cada vez mais ganhou espaço na historiografia que foi a “Nova História” fruto da *Escola dos Annales* na qual se preocupou em trazer para academia as análises de fontes que até então eram consideradas marginalizadas ou não dignas de um estudo historiográfico. A atenção voltou-se também para as mulheres, negros, índios, homossexuais agentes que não se faziam presentes nas análises acadêmicas. Renovação historiográfica iniciada em 1920.

aspectos de sua história, desde o profissional até o pessoal. Reconhecendo que o professor é um sujeito ativo de suas próprias ações e pensamentos que caracterizam as possibilidades de sua formação, através do vivido, construção de um tempo que não é linear, mas um tempo de representações que o sujeito constrói.

Nesse sentido, nossa atenção é voltada para uma análise autobiográfica que consiste nas histórias de vida da professora Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho. (1945-1985). O tema surgiu na disciplina de Brasil III ministrada pelo professor Dr. Iranilson Buriti, que me possibilitou ter uma visão clara sobre alguns objetos que serão analisados nesse trabalho, como gênero, educação, entre outros. Em processo de amadurecimento, sentimos a necessidade de contribuir para o resgate da história local da nossa cidade natal: Pedra Lavrada. Foi então, aspectos atraentes da renomeada professora Elenita que permitiu a realização dessa pesquisa. Aspectos esses que se mostrou relevante para a construção da história local.

Maria Elenita nasceu no município de Picuí⁵ (que mais tarde passou a chamar oficialmente como Pedra Lavrada)⁶, em 1945 no sítio Salgadinho, estudou o primário na Escola Estadual Graciliano Fontini Lordão e posteriormente passou a morar na cidade de Campina Grande⁷ na qual estudou na Escola Estadual de Campina Grande e na Normal Pe. Emídio Viana. Em 1969 cursou Ciências Sociais na Universidade Federal da Paraíba, campus II. Elenita já ministrava aulas na rede Estadual Murilo Braga. Após a conclusão de curso a educadora volta para sua cidade natal onde aplica seus conhecimentos desde 1971 á 1982 no mesmo lugar em que começou seus estudos, ocupando os cargos de diretora da instituição escolar, secretária de educação do município e lecionava as disciplinas de História e Geografia em Pedra Lavrada.

Os trabalhos e ensinamentos de Elenita ficaram guardados de forma viva e intensa na comunidade Lavradense, havendo uma ausência de escrita a respeito dessa identidade. Contudo, será nosso objetivo, problematizar a partir de histórias de vida e criar uma memória contribuindo, nesse sentido, para uma reconstrução da historia local da comunidade na discussão com a educação.

⁵ Pedra Lavrada passou a distrito em 14 de julho de 1890, pela Lei Estadual nº 20, pertencendo ao município de Picuí, até a sua emancipação em 13 de janeiro de 1959, pela Lei Estadual nº 1.944. O município foi reconhecido oficialmente como cidade no dia 25 de janeiro de 1959.

⁶ Pedra Lavrada é um município brasileiro do estado da Paraíba. Está localizado na região do Seridó Oriental Paraibano. De acordo com o censo realizado pelo IBGE no ano de 2009, sua população é de 7.035 habitantes. Mais informações disponível em <http://pedralavrada.pb.gov.br/historia> Acesso em 08.04.2014.

⁷ Campina Grande é um [município brasileiro](#) situado no [estado](#) da [Paraíba](#). Considerada um dos principais polos tecnológicos da região.

Serão utilizadas nesse trabalho, fotos, documentos e carta pessoal, iremos discutir gênero a partir de Guacira Lopes, identidade com Tadeu Thomás Silva na produção social com a diferença e Michel Foucault com a reflexão da escrita de si, abordaremos algumas análises sobre autobiografias como Elizeu Clementino de Souza e reflexões a cerca do uso de fotografias como fonte histórica a partir de Eliza Linhares.

METODOLOGIA

Nesse trabalho trabalharemos com a biografia-histórica, essa que foi um gênero presente desde os gregos, com as narrativas de Heródoto até hoje. Isso se deu, em grande parte devido ao sucesso editorial que sempre a biografia alcançou. No século XX houve uma relação de desprezo entre os historiadores e a biografia, nos quais consideravam a mesma como um método utilizado para idealizar grandes figuras, deixando de lado a precisão, coerência e veracidade dos fatos, sobretudo, um gênero que não se preocupava com contexto social, mas com a própria vendagem que o mesmo proporcionava.

Por volta de 1980, na França começaram a surgir ensaios e colóquios sobre as histórias de vida, isso se deu com influências da Sociologia e Antropologia. Esse momento⁸ é considerado por muitos como o “retorno” com novas abordagens e novos métodos, que percebem a necessidade de pensar o indivíduo em sua trajetória, na relação com a sociedade e seu tempo. Nessa perspectiva, entende-se que cada indivíduo constitui uma “multiplicidade de pessoas”, há o interesse em pensar o homem comum e não apenas o “grande personagem”.

Segundo BORGES, 2005⁹, podemos dividir em três formas segundo sua finalidade e grau de elaboração: O artigo de dicionário, que apresenta de forma breve um resumo sobre pessoas públicas ou famosas, a monografia de circunstâncias que corresponde a elogios fúnebres ou ligados a uma circunstância particular e a biografia científica que será utilizada nesse trabalho, ela corresponde a uma narrativa que tem uma finalidade histórica, e que trabalha baseado em uma vasta documentação. Segundo a mesma autora o tipo completo de biografia é aquela em que o biógrafo realiza um “mergulho” na vida de seu biografado, conseguindo penetrar em sua intimidade, isso

⁸ Por volta de 1929 surgiu na França a intitulada revista **Annales d'Histoire Économique et Sociale**, fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch. A revista questionava a historiografia vigente que enfatizava a forma positivista influenciada por Augusto Comte século XIX.

⁹ BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla B (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005, p. 211.

ocorrerá com ajuda de documentos da “escrita de si” ou de “produção de si”, nesse trabalho então contaremos com essas fontes, a exemplo de cartas entre outros.

A biografia desenvolve laços com outras áreas, assim temos, a micro história, os estudos de caso, estudos de gênero, da educação, memória entre outros, podemos levar em consideração que a biografia é interdisciplinar por excelência. Apesar da necessidade de estudar, de conhecer o outro, como um “longo casamento” com o biografado, nosso trabalho reina no campo das representações, e não podemos “dominar a singularidade irreduzível de uma vida”, é impossível captar o absoluto do “eu”.

A preocupação do historiador reina no campo da verossimilhança, portanto há uma necessidade de ficar atento as afirmações seguras e comprovadas pelas fontes, no entanto, é provável que esteja presentes afirmações hipotéticas, suposições a partir de dados incompletos e também lacunas preenchidas pelo pesquisador. Na atualidade, considera-se que nenhum trabalho é neutro, pelo contrário, há uma relação entre o biografado.

“A biografia pode propiciar uma espécie de espelho ético, da qual podemos ver com uma força súbita nós mesmos e nossas vidas sobre diversos ângulos” (BORGES, 2005. p.218). Mesmo que de maneira indesejada essa relação estará presente. Visto assim que ela é parceira da psicanálise e ela é útil para se compreender a relação sujeito-objeto, aceitando que o indivíduo tem sua subjetividade e que por trás do discurso historiográfico há um sujeito que produz. Não são modelos de coerência, de continuidades, em sua caminhada houveram dúvidas, hesitações, conflitos e indecisões das quais provavelmente nós enquanto pesquisadores não conseguiremos entender, apenas criaremos hipóteses a partir do que acreditamos.

Na pesquisa o historiador passa pela seleção do que parece significativo com alguns períodos ou encruzilhadas decisórias. Esses temas deverão ser estudados e entendidos sempre atentando para as coordenadas sociais do biografado e dos grupos que ele atuava, sobretudo, suas relações pessoais. Podemos entender que o estudo de vida de Maria Elenita, por mais particular e singular que seja assim como cada indivíduo, ela serve como fonte para se conhecer a história, revelando conhecimentos sobre sua época e sociedade em que viveu.

Compreende-se que fazer um bom trabalho é analisar as variadas fontes, portanto a fotografia é substancial para compreendermos os aspectos da vida do indivíduo.

A fotografia foi criada em torno de 1820 quando alguns pesquisadores da Europa passaram a estudar sobre a capacitação e fixação de imagens na câmara escura. Niépce e Daguerre foram os considerados inventores da fotografia, embora alguns autores como Eliza Linhares (2003)¹⁰ acredita que isso tenha se dado devido a publicidade gerada em torno desses pesquisadores sobretudo por François Arago (1835) membro do parlamento francês. A criação da fotografia foi marcada por polêmicas das quais dividiam opiniões, no meio artístico alguns reconheciam como uma gênese automática ou uma imagem híbrida outros pesquisadores como Baudelaire concebia uma técnica exata e precisa, mas que não a considerava como um gênero artístico¹¹.

Ela introduziu um novo tipo de ver e dar visibilidade ao mundo, embora ela seja um grande feito, foi encarada pelos historiadores metodistas como um documento de segunda categoria¹². Assim, sempre estiveram presentes, sobretudo nos materiais didáticos como uma forma de ilustrar e de confirmar o que estava presente nos documentos, esses que eram as fontes consideradas fiel a verdade.

A Escola positivista tomava alguns conceitos de Platão¹³ que acreditava ser por meio do filósofo que se conseguiria ter uma educação do olhar, o único capaz de eliminar os conhecimentos falsos dos verdadeiros. As fotografias só seriam consideradas documento histórico se os mesmos passassem pelos exames criteriosos das academias de pinturas. Esse discurso reinou entre os historiadores do século XIX os mesmos que passaram a traduzir os atos dos legítimos sujeitos da história enfatizando os feitos e as figuras dos grandes heróis. Por volta de 1930 os historiadores da Escola dos Annales passaram a questionar os documentos e a elevar a importância das imagens para a pesquisa do historiador. Marc Bloch passou a chamar atenção para compreender a necessidade de compreender as imagens em sua dimensão ideológica.

Eliza Linhares faz uma reflexão a cerca das fotografias em que, segundo ela as fotografias assim como as imagens são polissêmicas, ou seja, sua função varia muito de acordo com os códigos culturais e a sensibilidade do leitor. “significa entabular um

¹⁰ Para maiores informações: BORGES, Maria Eliza Linhares. História e fotografia. Belo Horizonte. Autêntica, 2003

¹¹ Idem

¹² O positivismo é uma corrente filosófica que surgiu na França no começo do século XIX. Os principais idealizadores do positivismo foram os pensadores Augusto Comte e John Stuart Mill

¹³ Platão foi um filósofo, matemático da Grécia Antiga do período clássico. Fundador da academia em Atenas, a primeira educação superior do mundo.

diálogo entre o visível e o invisível, entre o dito e o não dito (...)” (LINHARES, 2003. p.111). Elas nos revelam maneiras de sentir e pensar de um grupo social, como a memória coletiva que vai sendo construído, o historiador deve fugir dos ritos que concebe o real como absoluto e natural. Entendendo que o historiador reina no conceito de possibilidades e verossimilhança, seu ofício implica no conhecimento, na compreensão e interpretação das quais as imagens fotográficas são, ou seja, os sentidos que os indivíduos isolados ou em grupos atribuem as suas práticas sociais.

DISCUSSÃO

A carta pessoal como fonte vem se intensificando, sobretudo da última década do século XX. As escritas epistolares, chamadas de “escrituras ordinárias¹⁴ ou sem qualidade”, sobreviveu ao descaso que foram fadadas ao longo do tempo. Após serem preservadas elas servem para analisar os usos e funções da cultura escrita e contribuem para entender determinado tempo histórico¹⁵.

Por meio da carta, Elenita delinea as relações entre os membros do seu grupo social, descreve sobre sua profissão, burlam normas do seu tempo, repassa ensinamentos, particularidades de sua história, portanto, considera-se essa carta assim como outras portadoras de um lugar de memória.

Segundo BURITI¹⁶ falar de uma pessoa não significa tão somente descrever sua vida, sua trajetória nas instituições ou seu cotidiano. Falar da professora Elenita é também pensar nos seus escritos, nossa atenção voltará para uma carta deixada pela professora Elenita em meios às dores, emocionais e físicas¹⁷. Cansada de lutar contra a doença que a deixou debilitada, percebeu que seu fim estava próximo, por isso deixou traduzido em papel seus desejos carregados de emoção com a espera da partida.

“As correspondências íntimas são retratos de si, pedaços de nós que escrevemos para os outros, são maneiras de conduzir alguém até si mesmo, formas de expressar as palavras e renovar experiências. Escrever é traduzir sons da alma, é corresponder com outros destinatários. As cartas são confidências íntimas que brotam do nosso coração, carregadas de sentimentos, de emoções, de geografias que nos caracterizam, que mostram que paisagens existe dentro de nós.” (BURITI, Educando com Penna: A educação sanitária na Primeira República nos escritos de Belisário Penna, p.6)

¹⁴ Escritas realizadas por pessoas comuns, que se afasta dos escritos “considerados” acadêmicos ou por vontade própria de ser publicadas.

¹⁵ CUNHA, Tereza Santos. A escrita Epistolar e a História da Educação. Apresentação GT 02/ História da Educação. UDESC (Universidade Estadual de Santa Catarina).

¹⁶ Mais informações: BURITI, Educando com Penna: A educação sanitária na Primeira República nos escritos de Belisário Penna, p.6.

¹⁷ Ver anexo 1- Carta pessoal da íntegra

Bonita e elegante, como sempre se mostrava, era assim que Elenita queria aparecer em seus últimos momentos aqui na terra. “Compre meu vestido do enterro liso, unia a saia, blusa e calcinha cinza, sapato baixo e meia-fina.” Esse desejo de Elenita não foi vista por muitos com atitude “digna” pois era comum as pessoas serem sepultadas com roupa branca, sem modelos que chamem atenção e nem adereços, como uma forma de “aparecer igual a todos” no momento em que todos um dia irão passar. Para o mundo espiritual as aparências são desprezadas.

Carregados de sentimentalismo, algumas de suas joias foram divididos entre suas filhas, na certeza que iriam preservar-las com muito carinho e que ficaria como uma lembrança de uma mãe que não teve escolha, que diante de tanto sofrimento já estava conformada com seu final.

O maior de todos os desejos era a saudade com uma mistura de incertezas em relação ao futuro das suas três filhas que ainda estavam na infância, Kilma, Erika e Andrea frutos do seu grande amor Yêdo, esposo da qual vai permanecer amigo, fiel, gentil e carinhoso até os últimos dias de sua vida.

“Iêdo embora se case não é para morar com a esposa e não dê madrasta.” Essa afirmação nos leva a interpretar a forma como Elenita queria ser lembrada como a “dona do lar” a singular a única, aquela em que, mesmo não estando presente, será sempre lembrada e não terá seu lugar ocupado por outra. E assim permaneceu seu amado, até os últimos dias de sua vida, fiel aos seus desejos.

Escrever é pois, “mostrar-se” dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) é uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certa forma a carta proporciona um face a face. (FOUCAULT, 1992, p 136)

Entendemos que ao escrever uma carta estão implícitos a forma do destinatário, no caso Elenita se relacionar com seus parentes e amigos próximos, já que a carta não foi endereçada apenas a um destinatário, mas a vários citados em sua carta, nela notamos sentimentos como carinho, cuidado, amor, atenção, como FOUCAULT mesmo afirmou um “face a face”.

Seus cuidados também recaiam para seus parentes e amigos próximos. “Dona Margarida venha olhar as meninas, se não for possível morar com Yêdo, morar com Rita (...) Dudu de Chico Porto que tenha muito cuidado com Cacá e que nunca a esqueça.”

Percebe-se que Elenita mesmo distante por alguns anos, sempre encontrou em Pedra Lavrada sua casa, seu lar, recoberto por amigos, sua cidade Natal se mostrava um lugar especial da qual precisava ser cuidada. Assim, dirigia ao prefeito da época “Manoel Júlio muito cuidado com Pedra Lavrada e meu abraço”.

Seus vínculos afetivos com o grupo de mães e com o grupo escolar não deixavam dúvidas na carta. Percebe-se que Elenita era realizada profissionalmente, sua humildade era aspecto importante na sua forma de ser. Seu agradecimento se voltava para Doza Zelita e Cristina, pessoas das quais foram importantes para sua formação. Para sua colega e amiga de trabalho deixava suas recomendações “Maria da Paz tenha muito cuidado com o grupo que lembre-se que estou ali, para todos os meus alunos meu abraço e meu adeus.” Assim, Elenita deixava não apenas uma carta com desejos expressos, mas sua forma de ser, pensar e entender o mundo. Uma educadora que desempenhou uma grande contribuição e que sentia-se que seu elo entre a educação iria além da sua presença física.

Por meio desta fotografia encontrada em meios aos arquivos pessoais de seus parentes e amigos mais próximos, encontramos registro de seu velório, o que podemos comprovar que as pessoas tentaram fazer suas últimas vontades, ou seja, no seu enterro esteve presentes amigos e seus alunos fardados.

Será somente através da sensibilidade do constante esforço de compreensão dos documentos e do conhecimento multidisciplinar do momento histórico fragmentariamente retratado que podemos ultrapassar o plano icnográfico: O outro lado da imagem, além do registro fotográfico. Poderemos quiçás decifrar olhares e gestos compreender o retorno, decifrar o ausente (KOSSOY, Boris, 2001,p.41)

A partir do cruzamento entre as fontes, podemos trazer algumas discussões a respeito das imagens. Começamos pelo fardamento usado pelos alunos da Escola, na qual, é um adereço que se mostra formalidade, respeito, um produto de identidade já que os sujeitos que o utilizam se reconhece entre si. A posição que eles se encontram, diferente dos demais, com as mãos juntas para trás, leva-nos



a entender que é uma posição de respeito com a professora que tanto contribuiu para a educação. Em seguida os demais se apresentam de forma triste, alguns de cabeça baixa, dando a entender que estavam profundamente abalados com aquele ato. Outro aspecto

da fotografia é que ela parece ocasional, ou seja, o fotógrafo em questão, anônimo, deixar registrado para as gerações futuras esse doloroso momento.

CONCLUSÃO

Na reconstrução da sua identidade entendida por TADEU(2000), como uma produção social, relacional. A identidade¹⁸ só faz sentido com a diferença, ao mesmo tempo que me defino como “lavradense” estou me afirmando como “não sou picuiense” e vice-versa. Assim, pois, consideramos a diferença como produto da identidade, são elas inseparáveis. Indo mais além, elas são criações sociais e culturais, são instáveis assim como a linguagem que é sujeitas a determinações.

A diferença e a identidade, por ser uma relação social, estão sujeitos a vetores de força nas relações de poder, elas não são definidas enquanto tais, elas são Impostas, são disputadas. Questionar essas relações de poder é questionar os binarismos em torno delas¹⁹.

Nesse aspecto procuramos refletir sobre a trajetória de gênero da professora Elenita a partir da historiadora²⁰. Guacira Lopes, que procura refletir os modos como se regulam e se normatizam os sujeitos e suas práticas cotidianas, entendendo que estas estão embaralhadas nas relações de poder.

Guacira acredita que todo estudo tem um propósito²¹, ela jamais será “inocente” para interpretação intercultural “E certamente, afetado por nossa história pessoal, pelas posições-de-sujeitos que ocupamos, pelas oportunidades e encontros que tivemos e temos”. (LOURO, 2007, p.213)

Na perspectiva pós-estruturalista não tenta preencher nossas lacunas, dando forma ou preenchendo tabelas com categorias fixas, pelo contrário, aqui se procura-se questionar. “Observando e descrevendo com tantos detalhes quanto for possível, os jogos através dos quais se instituem as referências de normalidade e de diferença, de sujeitos normais e de sujeitos “diferentes”, colocam-se como os procedimentos fundamentais, imediatamente, haveria que tentar demonstrar, pela análise e pela desconstrução, como nessas

¹⁸Informações acerca do livro: Tomaz Tadeu SILVA (organizador). Identidade e diferença a partir de estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, Capítulo II. p.116 Disponível em

¹⁹ O filósofo Jacques Derrida analisou esses processos de binarismo e constatou em suas especulações que elas não expressam o mundo em duas classes como de valores “iguais” uma das posições recebe um valor privilegiado.

²⁰ Tomando como pressuposto a afirmação de Simone Beauvoir

²¹ Levando em consideração Gliffor Geertz

instancias poder e resistência se exercitam, como as dicotomias e oposições são fabricadas”. (LOURO, 2007, p.216)

Foi propósito desse trabalho, descrever as formas de se comportar e se relacionar da professora Maria Elenita como uma mulher que para sua época e seu meio social é considerada como um caso particular, pois teve oportunidade de dar continuidade aos seus estudos, se formando no curso superior de “Ciências Sociais” não de pedagogia como era comum para as mulheres de sua época, mas um curso que procura refletir a sociedade, sobretudo em uma época em que o país passava por transformações, ou seja, período da ditadura militar, onde a possibilidade de refletir e discutir as questões relacionadas a sociedade era um ato proibido pelo governo. Mas Elenita também estudou na Escola Normal, ou seja, o que podemos comprovar por meio das fontes que a mesma desejava lecionar, já que seu diploma na Escola Normal dava o direito de lecionar. Elenita também despertou interesse em se casar, construir família, atitudes comuns para as mulheres de sua época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Irandi. Leitura: O desafio constante do ensino-aprendizagem. Universidade Estadual Vale do Acaraú, Picuí. 2002,p. 8-9

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla B (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005, p. 211.

BORGES, Maria Eliza Linhares. História e fotografia. Belo Horizonte. Autêntica, 2003
BURITI, Educando com Penna: A educação sanitária na Primeira República nos escritos de Belisário Penna, p.6.

FOUCAULT, Michel. (1991) A Escrita de Si. In: Ditos e Escritos V. RJ: Forense Universitária, 2004.

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAN, Étienne. (Org.)O fotógrafo. 2º Ed. São Paulo: Hucitec/ Senac, 2005 [1998], p.41

LOURO, Guacira. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

SILVA, T.T.S. (org.) Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000a.

SOUZA, Elizeu. (Auto)biografias, histórias de vida e práticas de formação. In.Scielo Books. Salvador: EDUFBA, 2007. P.59-74. Disponível em:

ANEXO 1 - Carta pessoal

Carta Pessoal

João Pessoa

Compra meu vestido do enterro liso, unia a saia, blusa e calcinha cinza, sapato baixo e meia fina.

Andrea, seja obediente e ajude a Cacá, que nosso Senhor guarde.

Que Violeta se der certo morar com Yêdo. O anel de formatura para Kilma, a aliança de brilhante para Cacá, a aliança de casamento e o relógio para Andréa.

Valdeci e Iêdo se falarem, e todos os irmãos e amigos. Iêdo embora se case não é para morar com a esposa e não dê madrasta. Dona Margarida venha olhar as meninas, se não for possível morar com Iêdo, corar com Rita.

Para todas as professoras do grupo um abraço, para o clube de mães um abraço, e para todos de minha terra meu adeus. Edilson um abraço. Para Tonho um abraço e muita felicidade. Dona Severina que faz renda um abraço grande, que queria muito bem. Taninha e Lucinha um abraço é que são como minhas filhas. Dudu de Chico Porto que tenha muito cuidado com Cacá e que nunca a esqueça.

Doza Zelita e Cristina, foram as pessoas mais importantes na minha formação. Maria da Paz tenha muito cuidado com o grupo que lembre-se que estou ali, para todos os meus alunos meu abraço e meu adeus.

Manoel Júlio muito cuidado com Pedra Lavrada e meu abraço. Nicinha de dona Marta, continue sempre na vida alegre. Se não for possível abrir a cova de mãe, me enterre da de titi ou outra pessoa, depois coloca os ossos na cova de mãe.

Para todos os lavradenses, meu último abraço e meu adeus.

Quero o grupo e o colégio no meu enterro, todos fardados.

Recomendações para Titi, Irene, Lúcia e Sevi.

Um abraço...

Maria Elenita de Vasconcelos Carvalho, 03 de janeiro de 1984.*

* Carta transcrita por: ALMEIDA, Irandi. Leitura: O desafio constante do ensino-aprendizagem. Universidade Estadual Vale do Acaraú, Picuí. 2002, p. 8-9.

